

¿EXISTE FEMINISMO ENTRE QUATRO PAREDES?

Juliana Lang Lima
Centro de Estudos Psicanalíticos
de Porto Alegre, Brasil.
clauag46@gmail.com

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Lang Lima J. (2018) EXISTE FEMINISMO ENTRE QUATRO PAREDES?
Intercambio Psicoanalítico 7 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

EXISTE FEMINISMO ENTRE QUATRO PAREDES?

Juliana Lang Lima¹

1 Centro de Estudos Psicanalíticos de
Porto Alegre, Brasil.
clauag46@gmail.com
Rio de Janeiro

Com um título gestado na intimidade de uma experiência de supervisão, iniciamos este artigo. Na ocasião em que foi proferida, a frase “ninguém é feminista entre quatro paredes” causou impacto e uma risada digna de sua origem, o inconsciente. Tomando tal afirmativa como um chiste, encontramos nela uma formação do inconsciente similar a um sonho, porém inserida no social, à medida que é validada por aquele que a ouve. A relevância da piada e do riso na economia psíquica são fatores trabalhados por Freud em seu artigo Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905a), no qual dialoga com a lógica do inconsciente, tendo por principal intento demonstrar que ela se faz presente a todo tempo na vida cotidiana.

O mote para este capítulo encontra-se, portanto, em uma mensagem advinda deste inconsciente que é território do atemporal e do perverso-polimorfo. Ou ainda, como propõe Leclair (1992), o país do outro, que se localiza fora de fronteiras, armaduras, comportas; uma terra de ninguém que não é afetada por discursos e limites que atuam para erguer desconfianças e normas. Tomando como premissa que a experiência de análise é, em si, uma busca por acessar este inconsciente politicamente incorreto, que contém os mais temíveis desejos incestuosos, parricidas e filicidas, a ideia acima citada parecia fazer algum sentido, trazendo consigo indagações p que pretendemos abordar neste escrito.

Para esboçar uma resposta à provocação contida no título, iniciamos com uma breve incursão pela história do feminismo, buscando compreender de que forma surgiu e se estruturou, assim como apontar para seus rumos mais recentes. Em um esforço por realizar um diálogo deste movimento com o psicanalítico, retomamos o complexo de Édipo e seus desdobramentos, tendo em mente uma ampliação da provocativa questão original: pode a ideologia feminista sobreviver a uma análise ou seria a adesão ao feminismo possível apenas desde um viés social, estabelecendo-se aí uma ruptura entre o sujeito político e o pulsional?

Feminismo ontem e hoje

Vivemos um período de nova expansão da articulação feminista, em que se sobressai uma intensa e necessária contestação a determinados comportamentos masculinos, outrora naturalizados, além de forte reivindicação de maiores possibilidades para as mulheres, colocando o feminismo como assunto corrente na sociedade. Tal fato traz como efeito uma intensificação também de reações contrárias, e polarizações estão na ordem do dia. Se concebermos a cultura atual como pouco continente das demandas do sujeito, parece natural que o desamparo acione o uso de defesas das mais arcaicas, colocando em oposição direita e esquerda, homens e mulheres, o que é meu e o que pertence ao outro.

Estudar o feminismo à luz da psicanálise pode ser uma tarefa tão interessante quanto complexa, uma vez que é possível localizar dissonâncias entre as duas maneiras de compreensão do humano. Historicamente, o movimento social se postou distante da psicanálise, considerando que as teorias freudianas, baseadas em uma concepção falocêntrica e influenciadas pelo patriarcado, serviriam ao machismo. Ao discorrer sobre as possíveis desarmonias entre feminismo e psicanálise, Mara Souza Lago (2001) ressalta que a oposição irrestrita está longe de ser uma regra, apontando para as trocas fecundas que podem existir entre ambos. A autora pondera ainda que as importantes tensões existentes não seriam da ordem do inconciliável e nos convoca a pensar, munidos dos dois saberes, acerca da relação que a espécie humana desenvolveu com o feminino.

A história ocidental, ao longo dos anos, conheceu diversos exemplos de mulheres dispostas a combater discriminações e lutar por liberdade, em busca de representatividade. Esses movimentos deixaram de ser individuais e ganharam força coletiva em momentos mais recentes, sendo a primeira onda feminista um fenômeno nascido no fim do século XIX, em Londres. A essência da luta dessas mulheres repousava na busca por equiparação de direitos, sendo por isso chamada de feminismo da igualdade. As primeiras feministas brasileiras são noticiadas a partir de 1910 e, inspiradas nas sufragistas do Reino Unido, também reivindicavam direito a voto, à educação e a melhores condições de trabalho (Pinto, 2010; Lago, 2012).

A segunda onda feminista, já na década de 60, se estabeleceu tendo como norte a famosa frase de Simone de Beauvoir (1949): “não se nasce mulher, torna-se mulher” (p. 13). Neste período de grandes revoltas estudantis e lutas por direitos civis, as pautas assentavam-se sobretudo na denúncia da dominação das mulheres pelos homens. O compromisso daquelas feministas centrava-se na correção da distorcida concepção da mulher como sexo frágil, visto que essa ideia estaria assentada em uma série de processos sociais e históricos e não de natureza biológica. Nas palavras de Maria Amelia Teles (1999): “O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. [...] Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade” (p. 10).

Em tempos recentes, não é possível falar de feminismo sem recorrer a Judith Butler, americana representante da terceira onda, cujo marco teórico pode ser considerado seu livro *Problemas de Gênero* (2003). Para a filósofa, os significados de feminino e mulher há muito se tornaram erráticos, sendo necessária sua problematização e consequente remoção do lugar de permanência que acabaram por ocupar. Nessa mesma linha, Lago (2012) indica a substituição da categoria mulher por uma concepção mais ampla e coletiva, de mulheres, incluindo não somente os estudos de gênero mas as teorizações acerca da diferença¹ entre os sexos como pilares fundamentais para essa desconstrução.

Atualmente, vemos termos como empoderamento feminino e sororidade ganharem o estatuto de palavras correntes e significativas no cotidiano, em um movimento da linguagem que nos dá notícias dos processos culturais. Contudo, Lago (2012) lembra que os estudos de gênero - e as consequentes modificações na cultura e na legislação - concentram sua força no eixo Estados Unidos, Inglaterra e França, ficando a América Latina submetida à colonização destas potências, ainda em busca de construir sua própria história. Tal constatação se faz óbvia ao pensarmos na realidade brasileira, ainda tão distante da utopia de igualdade, na qual se registra um estupro a cada 11 minutos e onde 90% das mulheres teme ser vítima de violência sexual (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015).

A extensão atual do movimento feminista fez com que não seja mais possível conceber esse termo no singular. Vivemos hoje o momento dos feminismos, plurais por conta da dinâmica horizontal que apresenta vertentes diversas, cada qual com suas nuances. Nesse aspecto, existem inúmeros recortes possíveis: as feministas negras, as lésbicas, as trans, as radicais... o que torna inglória a tarefa de reunir todas essas componentes em uma visão unívoca. Abrindo mão do ideal encontrar um caminho único, optamos por traçar uma linha de diálogo a partir da ideia de que a psicanálise, desde Freud, tem muito a dizer sobre o feminino - e, com alguma inspiração, sobre o feminismo.

Freud e as mulheres: uma mescla de fascínio e desconhecimento

O ano era 1910. Na Viena de Freud, retumbavam ecos da primeira onda feminista e as mulheres se organizavam de forma representativa, bem como em todo o continente europeu, conforme os relatos de Juliet Mitchell (1979), psicanalista britânica identificada com teorizações feministas e de esquerda. O momento era também importante para o movimento psicanalítico, pois acontecia o Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise e a fundação da IPA. Na Sociedade Psicanalítica de Viena, trabalhava-se em uma revisão dos estatutos, havendo posições contrárias à

¹ Refere-se aqui ao movimento denominado feminismo das diferenças, ideia bastante controversa entre as feministas, que será explorada mais adiante neste escrito.

admissão de mulheres. Freud declarou-se amplamente favorável e Margarete Hilferding foi eleita a primeira mulher a ingressar na formação daquele instituto (Gay, 2007).

A ligação de Freud com as mulheres funde-se com a própria história da psicanálise. A escuta das histéricas e a proposição de que a sexualidade desempenhava um papel fundamental na etiologia da histeria, contida na ideia de que o desejo sexual proibido transformava-se em sintoma, podem ser consideradas atitudes de rompimento com a lógica de exclusão predominante na época. Dar voz a mulheres como Emmy von N., Miss Lucy R., Katarina, Elisabeth von R. e Dora pode ser tomado como um ato político de Freud. E, mais ainda: ao propor na histeria uma “necessidade sexual excessiva”, proveniente do “desenvolvimento desmedido da pulsão sexual” (1905b, p. 45), Freud desmontava quaisquer argumentos em favor de uma suposta aversão sexual feminina, advogando em favor da sexualidade e liberdade das mulheres.

É evidente que podem ser feitas objeções a essa leitura. Além da origem etimológica da palavra histeria remeter a útero - o que, historicamente, tem levado muitos a caracterizar essa estrutura como predominantemente representante do mundo das mulheres -, no senso comum a histérica é associada àquela que é insatisfeita e deseja o impossível. É possível que tal leitura deturpada, insustentável na clínica, lugar onde nos deparamos com um sem número de homens histéricos, encontre sua origem na questão da castração e de como lidar com a ausência do falo. Nesse sentido, Mitchell posiciona-se: “A despeito de como tenha sido usada, a psicanálise não é uma prescrição para uma sociedade patriarcal, mas uma análise da sociedade patriarcal” (1979, p. 17).

Já nos anos 1920, o movimento psicanalítico contava com um importante aumento da participação de mulheres, tratando tanto de questões das análises de crianças como de temas como maternidade, feminilidade e sexualidade feminina. Roudinesco (2016) lembra que a partir desta década as mulheres saíram de um lugar de espectadoras, como esposas dos analistas, para conquistar protagonismo, inclusive questionando teorias até então tomadas como universais. Fazem parte dessa geração Melanie Klein, Anna Freud, Joan Riviere, Karen Horney², Hélène Deutsch, Jeanne Lampl-DeGroot, Sabina Spielrein e tantas outras vozes de mulheres marcantes.

² Esta psicanalista frequentemente esquecida merece ser revisitada por suas contribuições inéditas, a exemplo de sua audaciosa atitude no Congresso Internacional de Psicanálise de 1922, quando sugeriu aos componentes da mesa presidida por Freud uma revisão da ideia de inveja do pênis (Gay, 2007).

Cabe citar ainda algumas das mulheres importantes da vida pessoal de Freud. Além dos laços sanguíneos ou conjugais, como a mãe, as irmãs, a esposa Martha e as três filhas Mathilde, Sophie e Anna, ele esteve rodeado de mulheres a quem considerava interessantes e que imprimiram uma marca na história de suas relações e mesmo do movimento psicanalítico. Dentre as mulheres influentes na vida de Freud, destacam-se Lou Andreas-Salomé e Marie Bonaparte, ambas desempenhando papel crucial para a difusão da psicanálise, sendo depositárias de grande troca intelectual com o mestre. Lou era vivaz, culta, atraente, sedutora e dona de um notável senso ético, tendo colecionado admiradores e romances ao longo da vida. Já Marie, para quem Freud confessou ser irresponsável a famosa proposição o que quer uma mulher?, chegou a sofrer com ideações suicidas e frigidez, obtendo, no entanto, muitos ganhos através de sua análise. Generosa, inteligente e bem relacionada, a princesa insatisfeita com a rotina da realeza foi grande defensora da psicanálise, passando de analisanda a amiga de Freud. Cada uma a seu modo, ambas o inquietaram e influenciaram a repensar suas formulações acerca do feminino, ainda que em um cenário caracterizado por impasses e paradoxos (Gay, 2007; Jones, 1989; Roudinesco, 2016).

A respeito das contradições e ambiguidades do discurso freudiano, Birman (2016) denuncia o lugar secundário do feminino diante do masculino, como se o último fosse uma espécie de matriz enquanto o primeiro ocuparia uma eterna e problemática condição de enigma. Ao admitir a coerência das críticas das feministas à psicanálise, nos convida a examinar de forma reflexiva a obra de Freud, especialmente no período compreendido entre 1924 e 1932, com seus ensaios relativos à psicologia da mulher.

A complexidade de Édipo: passividade virou palavra non-grata? Em tempos de novas manifestações da sempre subversiva sexualidade humana, retomar o complexo de Édipo, um dos elementos centrais da teoria freudiana, leva a pensar além da tradicional configuração composta por pai, mãe e criança para vinculá-lo, sobretudo, à triangulação. Nesse sentido, a conflitiva edípica pressupõe a existência das funções materna e paterna agindo sobre o sujeito, abarcando também temas como lei, exogamia, alteridade, formação da identidade sexual e incompletude. Mas estaria essa leitura contemplando as reivindicações femininas? Façamos uma breve retomada da letra freudiana para nos auxiliar nesse percurso. A partir de seu mito científico Totem e Tabu (1913), Freud retoma a atemporalidade da proibição do incesto, o que confere ao Édipo uma característica simultaneamente universal e singular - e aqui parece importante ressaltar que limite não é sinônimo limitação, ou seja, delimitar bordas para a sexualidade, em vez de cerceá-la, permitiria que ela se manifestasse de forma mais criativa e genuína. Porém, mesmo que com sua formulação do complexo de Édipo Freud tenha proposto um descolamento do determinismo biológico, ao inserir a concepção de bissexualidade psíquica, este conceito vem sendo questionado com veemência nos dias

atuais. Na época de Freud, a figura detentora do falo imaginário era o pai, indiscutivelmente. E hoje, de que forma poderíamos pensar as mudanças sociais e os novos arranjos simbólicos? A concepção tradicional ainda abarca aquilo que é do contemporâneo?

No clássico *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b), Freud elaborou suas proposições acerca da sexualidade infantil desde a fase oral, passando pela anal e chegando até a fase genital. No que se refere à diferenciação entre homem e mulher, apontou para a puberdade como etapa resolutive, insistindo nos destinos posteriores à excitabilidade clitoridiana para a compreensão do tornar-se mulher. Dito em outras palavras, na mudança de zona erógena predominante, do clitóris para a entrada da vagina, estaria a essência da feminilidade. Um pouco mais adiante, na análise do Pequeno Hans (1909), iria trazer a questão do reconhecimento do pênis como algo determinante para a sexualidade, tratando da primazia do falo como determinante para os destinos da castração.

Em trabalhos posteriores, Freud dedicou-se a explorar a diferença entre os sexos e a questão da castração, que está no cerne da teoria falocêntrica, afirmando que a depreciação e mesmo o horror às mulheres estariam em conexão com a descoberta de que lhes falta um pênis. Assim, colocava a oposição entre feminino e masculino como a etapa mais evoluída do desenvolvimento, sendo possível apenas após o descobrimento da existência da vagina. Até então, estaríamos diante de dicotomias mais primitivas, como ativo ou passivo e fálico ou castrado. No que diz respeito à masculinidade, estariam combinados os atributos de sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade se vincularia com objeto e passividade: “a vagina agora é valorizada como um lugar de abrigo do pênis; ingressa na herança do útero” (1923, p. 161).

As feministas contemporâneas a Freud, leitoras e críticas de sua obra, exigiam esclarecimentos a estas proposições e foi neste contexto que ele acabou por proferir uma de suas mais difundidas, controversas e mal compreendidas afirmativas: “A anatomia é o destino” (1924, p. 264), frase que tem como contexto uma expressão de Napoleão Bonaparte, “A política é o destino”. Roudinesco (2016) explica que a sentença original foi registrada por Goethe em um encontro entre ambos, no qual Napoleão teria referido a política como alternativa do homem moderno à tragédia, recurso da antiguidade.

Ao compreendermos o dito de Freud tendo em vista um trânsito entre o trágico e o dramático, nos afastamos da concepção da anatomia como algo intransponível, possibilitando a leitura de que o destino se dá via sexualidade, feito com as próprias mãos. Longe da anatomia como algo que remeta ao biológico, mas como destino da pulsão, o que não significa a sina do sujeito (como uma determinação de gênero, por exemplo). Aliás, no mesmo texto supracitado, Freud (1924) afirmaria que o declínio do complexo de Édipo, só possível mediante dolorosas decepções, é o que vai marcar as direções da sexualidade feminina e masculina, reiterando suas proposições sobre a bissexualidade psíquica.

Ao reforçar o polimorfismo da sexualidade e seu caráter indomável, Freud oferece caminhos para ampliar as noções de passividade e atividade, a primeira frequentemente tomada como algo do inativo e relativo ao recebimento de algo, enquanto a segunda seria o operador. Nesse sentido, há que se restaurar o desgaste dos significados atribuídos a este par. Ora, não é de se estranhar que as mulheres rejeitem a ideia de vincular a passividade ao feminino, como algo hierarquicamente menos potente. Retomando, a fim de esclarecer: ativo e passivo referem-se à meta pulsional e não a uma condição de superioridade e inferioridade. Também nessa direção, a saída proposta por Freud (1937) ao fim de sua obra, e endossada por autores contemporâneos, é conceber o percurso identitário como um abandono da indiscriminação infantil, restando a diferença carregada no corpo pelas mulheres como símbolo de incompletude e, mais além, de alteridade (Birman, 2016; Kehl, 1996).

Importante assinalar que já em 1908 Freud defendia que a pulsão sexual não teria serventia para os propósitos de reprodução, tendo como objetivo a produção de prazer, propondo assim uma pulsão genital que, de forma alguma, seria algo natural, dada ao sujeito. Jacques André (2016), seguindo no mesmo rumo, afirma que sexualidade humana, com toda sua complexidade, é um fato da cultura e não da natureza, apresentando como exemplo a mulher, única fêmea do mundo animal a realizar coito fora do período propício à fecundação.

Da superfície das diferenças anatômicas ao mistério de suas consequências, o que era pano de fundo até então na teoria freudiana voltaria à cena e ganharia maior força: a questão da castração e a transição do corpo biológico para o corpo psíquico. Tanto aos meninos quanto às meninas é imposta a tarefa de se haver com a descoberta da diferença, sendo os complexos de Édipo e de castração estruturas de grande auxílio para a futura organização sexual. À mulher, contudo, impõe-se a complicada operação que envolve troca de objeto de amor, além da zona erógena. Ao aludir ao complexo de castração em sua versão feminina, Freud (1925) tocava em mais um tema espinhoso, a inveja do pênis - o que ainda hoje desperta desconfiança e ira de muitas mulheres.

Advertindo primeiramente que pênis e falo não são sinônimos, passamos a conjecturar a aproximação entre ambos. Cabe pontuar que o termo inveja do pênis receba também um descolamento da biologia e que seu significado seja pensado como primazia do falo, uma resultante da constatação da diferença, vinculada ao simbolismo da incompletude. A questão centra-se, portanto, ao redor da lei que interdita o gozo e que possibilita os destinos do Édipo.

A genialidade do pensamento freudiano confirma-se justamente pelo fato de explorar o feminino para além das mulheres, afirmando-o como um enigma que não clama por ser elucidado, mas interrogado. Para compreender a feminilidade do ponto de vista psicanalítico é imprescindível percorrer sua constituição desde as vivências infantis, a sexualidade definindo e sendo definida pela intersubjetividade. Nesse sentido, podemos afirmar ser infundada, e quiçá fruto de uma leitura enviesada, a crítica

de Judith Butler (2003) a uma suposta heterossexualidade compulsória preconizada pela psicanálise, uma prática cuja pertinência reside justamente na possibilidade de dar escuta aos excedentes pulsionais de todos os tempos, em suas múltiplas combinatórias e roupagens.

Olhando para dentro da sala: e entre quatro paredes?

“Eu estou te procurando porque não posso mais viver desse jeito. Eu tenho um relacionamento abusivo e preciso terminar com ele. Meu marido me rebaixa o tempo todo, ameaça sair de casa, levar nossos filhos, me deixar sem nada. Ele nunca me bateu, mas recentemente comprou uma arma. Diz que é para nos defender de assalto, mas eu tenho muito medo de uma tragédia. Não sei por que para mim é tão difícil acabar com isso.”

Há algum tempo, recebi para análise uma mulher com a queixa acima. Diante de um cenário tão devastado, minha primeira escuta direcionou-se no sentido de haver ali um pedido explícito de salvamento, de cura. Em meio a minhas próprias tendências feministas, me vi extremamente tocada com a possibilidade de “resgatar” uma mulher vítima de violência doméstica, acreditando ser possível auxiliar a conduzi-la, via análise, a um lugar (simbólico) onde estivesse à salvo. Contudo, tão logo as quatro paredes fizeram efeito, ou seja, assim que a transferência se estabeleceu, um emaranhado pulsional se apresentou à minha frente, com toda sua complexidade. Desde o lugar de mulher, me era muito penoso ouvir relatos de maus-tratos, humilhações, agressões de todos os tipos, e constatar que o mal-estar era muito maior em mim do que na analisanda.

A história desse processo analítico nunca aconteceu por completo, desenvolvendo-se em períodos distintos, nos quais o mesmo enredo se repetia: sempre que avançávamos em direção à possibilidade de separação, o que envolvia renunciar ao gozo masoquista da submissão, a analisanda desaparecia da sala de análise, tornando-se incomunicável e deixando grandes somas de dinheiro em aberto, exercendo seu sadismo para comigo. Ao retornar, trazia um carregamento extra de pulso de morte e me mostrava um panorama ainda mais desolador, em um movimento similar ao que Freud detectara em seu caso mais célebre, o Homem do Lobos (1918), que se reapresentara para análise, após um período de suposta cura, completamente falido e muito mais adoentado do que ao chegar pela primeira vez.

Em ambos os casos, embora com cem anos de distância entre si, nos deparamos com uma compulsão à repetição localizada a léguas de distância do princípio de prazer, dando notícias também de um severo masoquismo. A cada retorno da analisanda, uma dívida precisava ser saldada para dar início a uma nova temporada, tal como em uma série, cujo roteiro em quase nada se modificava. À possibilidade de ser encaminhada a outra colega (e assim abrir uma janela, criando um furo em uma relação dual e especular propiciada pelas paredes), a analisanda reagia com supostas

declarações de amor e fidelidade, além de impeditivos diversos em um discurso que acabava por assemelhar-se a uma ameaça. Dito em suas palavras: “se não for contigo, não vou me tratar com ninguém; impossível conseguir confiar em outra pessoa para contar esse tipo de coisa horrível que acontece comigo.”

Compreender o relacionamento abusivo sob um viés mais amplo, o da pulsão, era imperativo; do contrário, como explicar tamanha subserviência e, simultaneamente, tamanho domínio? Nesse sentido, nos associamos a Dunker (2013) que, ao resgatar o que parece óbvio³, assinala que o analista mais próximo de uma clínica freudiana nos dias de hoje seria o que consegue escutar e apoiar suas intervenções levando em consideração as formações do inconsciente e a gramática das pulsões.

Falcão (2017) lembra que a sexualidade se destaca das outras funções corporais justamente por ser uma psicosexualidade, uma rica e complexa organização que passa pelo psiquismo e vai em busca de um objeto de satisfação, portando as qualidades herdadas dos processos de prazer e desprazer. Era também essa leitura que abria espaço para alcançar os impactos dos abusos promovidos, em conjunto com os sofridos. Afinal, salvo em julgamentos de inspiração maniqueísta, na vida e na ficção não é tão simples delimitar quem é vítima ou vilão.

Com o propósito de ilustrar metaforicamente o jogo pulsional sempre presente no sujeito, rememoramos Italo Calvino e seu conto O visconde partido ao meio (1952), no qual nos apresenta um personagem que, após levar um tiro de canhão no peito, acaba dividido em duas partes. A primeira da qual temos ciência é assustadoramente má, mentirosa, humilha e engana pessoas, maltrata animais, tenta tirar vantagens em tudo. Em determinado momento da história, surge a outra metade, dócil, generosa, justa, caridosa, amável e... insuportavelmente boa! A tal ponto a bondade extrema incomoda os habitantes do reino que eles resolvem resgatar o visconde mau e fazer uma costura, literal, de ambos - a existência do bem sem o mal é uma utopia, afinal de contas. A obra aqui referida integra uma trilogia, escrita ao longo da década de 50, nomeada pelo autor Os nossos antepassados, por conter aspectos inerentes à condição humana e a seus dilemas atemporais, como o do homem dividido, em busca de liberdade e de satisfação plena. Tal digressão tem por objetivo endossar a ideia de pares complementares como alternativa à ideia de pares de opostos, nos conduzindo de volta ao feminismo e às articulações que pretendemos fazer à título de conclusão.

Em um texto atual, duas psicanalistas que exercem sua clínica em Paris problematizavam a ideia de existirem psicanalistas seguros, profissionais que estariam capacitados a receber para atendimento pessoas consideradas marginalizadas, oprimidas e/ou vítimas de preconceito, incluindo aí a população LGBTQI, trabalhadores do sexo, negros, entre outros (Santos & Polverel, 2016). O debate, pertinente por pressupor a atualidade da psica-

3 Melhor dito pelo psicanalista inglês Donald Winnicott: “Isso é terrivelmente óbvio, mas apesar disso precisa ser dito” (1963, p. 183).

nálise e não sua obsolescência, se alinha ao propósito de criar uma rede de analistas que garantissem uma escuta livre de violência - esta seria decorrente tanto do exercício da discriminação como da negação de sua existência. Contudo, ainda que se apresente com a melhor das intenções, as autoras ponderam o quanto a ideia de segurança pode terminar por servir ao narcisismo e à normatividade que tanto combate, nesse caso obstruindo a construção de um espaço novo, com todas as peculiaridades de um encontro com o desconhecido.

Falemos, portanto, daquilo que diverge, que causa estranhamento. Nesse sentido, retomamos a noção do feminismo da diferença, movimento surgido a partir das proposições de Carol Gilligan, filósofa e professora da Universidade de Harvard, considerada uma das referências contemporâneas no estudo das dissonâncias entre os gêneros. A obra-prima de Gilligan, *A voz diferente* (1982), baseia-se em uma extensa pesquisa acerca da lógica do desenvolvimento de homens e mulheres, vinculando a formação moral dos homens à disputa e poder e das mulheres à cuidado e doação. Ao contemplar percursos distintos para homens e mulheres, atenta para possíveis distorções impostas por modelos que desconsiderem as diferenças entre ambos e fornece subsídios para pensar em uma ética do cuidado, relacionada ao feminino.

O feminismo da diferença se define pelo combate à desigualdade por meio do reconhecimento da diferença. Ao mesmo tempo em que se ocupa de buscar pareamento para todos diante da lei, prescinde de uma suposta emancipação feminina, pois considera a utopia de igualdade baseada em uma idealização do masculino, sendo capaz de aniquilar a diferença sexual, privilegiando um gênero neutro e privando a mulher de liberdade. Victoria Sendón de León (2012), filósofa e ativista espanhola, defende a tese de que este é um movimento menos acadêmico e mais herético, tratando-se antes de uma experiência vivencial do que de uma meta ou dogma - nesse sentido, nos habilitamos a sugerir que se aproximaria da psicanálise. A partir dos pressupostos acima referidos, seria possível conceber, por exemplo, que uma mulher almeje ser apenas dona-de-casa, sem exercer atividade remunerada, ou que encontre seu verdadeiro valor através da maternidade como construções desejantes, sem que isso passasse necessariamente por uma imposição da sociedade patriarcal.

Seguindo a mesma linha, Rosiska Darcy de Oliveira (1991), ao refletir sobre os motivos que levaram o projeto de igualdade das primeiras feministas a ter-se revelado impossível, denuncia a crueldade contida no ideal de ser dois em um. Enquanto aos homens é endereçada a solicitação de que sejam homens, às mulheres modernas exige-se algo da ordem do inalcançável: que congreguem em si o masculino e o feminino, almejando a igualdade como mimetismo. A busca pela diferença e a possibilidade de renúncia, nesse contexto, podem tornar-se surpreendentemente subversivas.

É indubitável que ideia da igualdade entre os sexos representou um primeiro estágio, necessário, de transgressão. Se hoje as mulheres têm voz e vez, muito se deve às pioneiras que abriram caminhos na cultura,

pagando por isso um alto preço, por vezes até com a própria vida. Houve uma época em que a mulher era compreendida como um ser inferior, de menos força física e intelectual, e cujas melhores realizações seriam o casamento e a maternidade. As primeiras que se rebelaram contra esse destino foram consideradas escandalosas, ridículas, loucas, insatisfeitas com sua condição - em um tempo em que ser feminista era semelhante a um insulto, com significado quase equivalente à “mulher que detesta homens”.

Consideradas as distorções inerentes à leitura de todo novo fenômeno, a proposta de um feminismo agressivo é perfeitamente compreensível quando o situamos inserido em uma cultura evidentemente opressora para com as mulheres. O feminismo à todo custo, no entanto, traria também uma condição insustentável, além de endogâmica, pois cega e surda às diferenças. Nesse aspecto, o feminismo da diferença surge com uma proposta mais conciliatória, que envolve aproximar-se do feminino, redescobrir-o e transformando-o, sem para isso lançar mão de fórmulas facilitadas.

É possível que se localize aqui o principal ponto de encontro entre os sujeitos da psicanálise e do feminismo. Não restam dúvidas de que ainda há muito a ser conquistado pelas mulheres, desde representatividade e igualdade de cargos e salários a questões ainda mais básicas, como redução da violência, não culpabilização da vítima, não objetificação do corpo feminino. Contudo, propor aceitação de diferenças, sem com isso pressupor desigualdade, apresenta um projeto de reconciliação entre homens e mulheres. Nesse contexto, também se mostra premente a relativização do lugar do falo, com esperança de pôr fim ao desencontro das mulheres consigo mesmas.

Nos encaminhando para o fim dessa experiência de comunicação muito pessoal, somos levados a concordar com a colega que detecta a inviabilidade do exercício do feminismo na intimidade - sejam as quatro paredes uma alusão à sala de análise ou ao cômodo que recebe o encontro sexual. Ao remontar à identidade do analista, nos associamos a Juliet Mitchell (2000), que demonstra seu desconforto com a alcunha de psicanalista feminista, como por vezes é apresentada, associando a identificação total (feminista) com uma posição fixa, de militância e alienação. Nesse sentido, a teórica afirma fazer sentido ser “apenas” psicanalista, o que lhe confere maior liberdade para exercer o amplo pensar.

Ao menos no que concerne ao clássico da formulação, parece que o feminismo entraria em antagonismo com o aspecto mais primitivo e aberrante da sexualidade. Entre quatro paredes vigoram as regras de um espaço particular e restrito, ou seja, vale tudo quanto os que lá estiverem concordem. Nesse lugar reservado, um recorte particular que exclui o resto do mundo, somos todos animais e donos de fantasias inconfessáveis. Jacques André (2016) afirma que não há tratamento social ou político para o sexual. Nelson Rodrigues, o anjo pornográfico que viu o amor pelo buraco da fechadura, sentencia: “se cada um soubesse o que o outro faz dentro de quatro paredes, ninguém se cumprimentava.” (1997, p.126).

Referências

- ANDRÉ, J. Nascimento da sexualidade humana. In: Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Sexualidade. Porto Alegre: Evangraf, 2016. pp. 112-124.
- BEAUVOIR, S. (1949). O segundo sexo. São Paulo: Nova Fronteira, 2009. v. 2.
- BIRMAN, J. Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas expressões em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 2. ed.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALVINO, I. (1952). O visconde partido ao meio. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DUNKER, C. Uma gramática para a clínica psicanalítica. In: Freud, S. As pulsões e seus destinos. pp. 135-158. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FALCÃO, L. Sexual primordial e sexual infantil. In: Garcia, R. M. (org). Sobre o infantilismo da sexualidade. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário brasileiro de segurança pública. Ano 9. São Paulo: 2015.
- FREUD, S. (1905a). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 7)
- FREUD, S. (1905b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Sexualidade. Porto Alegre: Evangraf, 2016. pp. 20-109.
- FREUD, S. (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 9)
- FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 10)
- FREUD, S. (1913). Totem e tabu. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 13)
- FREUD, S. (1918 [1914]). História de uma neurose infantil. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 17)
- FREUD, S. (1923). A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 19)
- FREUD, S. (1924). O declínio do complexo de Édipo. In: Neurose, psicose, perversão. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 5).
- FREUD, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 19)
- FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 23)
- GAY, P. Freud, uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 15. ed.
- GILLIGAN, C. Uma voz diferente. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- JONES, E. Vida e obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- KEHL, M. R. A mínima diferença: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LAGO, M. C. S. Feminismo e psicanálise, ainda... In: Revista Estudos Feministas. v. 9, n. 2. Florianópolis: UFSC, 2001. pp. 618-625.
- LAGO, M. C. S. A psicanálise nas ondas dos feminismos. Florianópolis: UFSC, 2012.
- LECLAIRE, S. O país do outro: o inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LEÓN, V. S. Qué es el feminismo de la diferencia? Buenos Aires: La mariposa y la iguana, 2012.
- MITCHELL, J. Psicanálise e feminismo: Freud, Reich, Laing e a mulher. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- MITCHELL, J. Juliet Mitchell: um dos pilares do feminismo atual. Entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. São Paulo: Folha de São Paulo, 2000.
- OLIVEIRA, R. D. Elogio da diferença: o feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. In: Revista Sociologia e Política. v. 18, n. 36. Curitiba: UFPR, 2010. pp. 15-23.
- RODRIGUES, N. Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROUDINESCO, E. Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- SANTOS, B. & POLVEREL, E. Procura-se psicanalista segurx: uma conversa sobre normatividade e escuta analítica. In: Lacuna: uma revista de psicanálise. n. 1, p. 3. São Paulo, 2016.
- TELES, M. A. A. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- WINNICOTT, D. W. (1963). O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.